

Mídias alternativas na Amazônia: articulações de contrapoder na internet¹

Célia Regina Trindade Chagas AMORIM²

Milene Costa de SOUSA³

Gabriel da MOTA⁴

Lanna Paula Ramos da SILVA⁵

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo: Este artigo faz uma reflexão sobre as mídias alternativas na Amazônia no contexto da comunicação midiaticizada de forma planetária, localizando-as dentro do campo do contrapoder (Castells, 2013) que é a capacidade de atores sociais se lançarem em disputas por afirmações de cidadania na região. O cenário é complexo, as grandes corporações precisam lidar, a cada dia, com um número crescente de sujeitos, individual ou em coletivos, eles participam da vida pública local/global aguçando ações e mobilizações em uma das regiões mais ricas do mundo. Destacam-se neste trabalho jornalistas que possuem blogs pessoais, outros atores sociais com perfis no *Twitter* e no *Facebook*; e coletivos de jovens que fazem documentários e divulgam no *YouTube*. Os referenciais teóricos são Castells 2013, Moraes 2013, Thompson, 1999, Bretas 2006 e Loureiro 2002.

Palavras-chave

Contrapoder; Mídias Alternativas; Amazônia; Internet.

Introdução

Na década de 80 do século XX, as mídias tradicionais como o jornal, o rádio e a TV ainda eram predominantes no campo da comunicação de massa. A rede planetária, a internet, estava em fase de desenvolvimento e as grandes corporações midiáticas viviam controlando os fluxos comunicacionais através de processos unidirecionais. Com os avanços tecnológicos dos últimos anos, de grande impacto na história da humanidade, a rede planetária vem unificando vários meios e modos de comunicação de forma interativa (Castells, 1999). Neste novo cenário, as estratégias e ações das corporações se potencializaram, já que o capitalismo sempre soube utilizar as ferramentas de poder a partir de suas conveniências particulares.

¹ Trabalho apresentado no DT7 - GP Comunicação para a Cidadania, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Doutora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenadora do Projeto e do Grupo de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia – CNPq-UFPA. Vice-diretora da Faculdade de Comunicação da UFPA. E-mail: celia.trindade.amorim@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da UFPA. Email: milenecostadesousa@gmail.com. Integrante do Grupo de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia.

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da UFPA, bolsista PIBIC/UFPA do Projeto de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia. Email: gabrielmotaf@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da UFPA, bolsista PIBIC/UFPA-AF do Projeto de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia. Email: lannapaular@gmail.com

Para uma maior compreensão desse cenário, Moraes (2013) destaca as principais características do sistema midiático contemporâneo que está assentado na supremacia do consumo, da competição e do lucro imediato.

Primeiramente, evidencia a capacidade de fixar sentidos e ideologias, interferindo na formação da opinião pública e em linhas predominantes do imaginário social. Em segundo lugar, demonstra desembaraço na apropriação de diferentes léxicos para tentar colocar dentro de si os léxicos, a serviço de suas conveniências particulares. [...] Em terceiro lugar, incute e celebra a vida para o mercado, a supremacia dos apelos consumistas, o individualismo e a competição. (MORAES, 2013, p. 20).

É preciso observar, porém, que tais manifestações não são exclusivas do momento em que a comunicação, por meio da internet, passou a atuar de forma planetária em multiplataformas digitais. É preciso registrar que a internet é mais uma fase da era de comunicação de massa, esta iniciada na metade do século XV quando o alemão Johannes Gutenberg criou o método de duplicação de letras de metal que permitiu a composição de textos extensos. A partir daí “as técnicas de Gutenberg foram assumidas por uma variedade de instituições nos maiores centros comerciais da Europa” (THOMPSON, 1990, p. 219) e depois para o mundo. O âmbito do sistema mercadológico, como se pode ver, acompanha há muitos anos a comunicação de massa. Nas palavras de Thompson:

Com o surgimento da comunicação de massa, o processo de transmissão cultural torna-se cada vez mais mediado por um conjunto de instituições interessadas na mercantilização e circulação ampliada das formas simbólicas. Nas últimas décadas essas instituições se tornaram cada vez mais integradas em conglomerados de comunicação de grande porte, e a circulação de formas simbólicas se tornou cada vez mais global. (THOMPSON, 1990, p. 278).

Hoje, esses conglomerados potencializaram a utilização das diversas redes midiáticas, da tradicional à digital, uma complementando a outra. É importante registrar que redes de informação são também redes de poder. Castells (2013) cita várias outras redes de poder, que constituem redes entre elas próprias:

A metarrede das finanças e da mídia depende, ela própria, de outras grandes redes, tais como a da política, a da produção cultural [...], a militar e de segurança, a rede criminosa e a decisiva rede global de produção e aplicação de ciência, tecnologia e administração do conhecimento. Essas redes não se fundem. [...] Mas todas têm um interesse comum: controlar a capacidade de definir as regras e normas da sociedade mediante um sistema político que responde basicamente a seus interesses e valores. (CASTELLS, 2013, p. 12).

Na Amazônia paraense, sobretudo no campo da comunicação em rede, destacam-se grandes empresas, dentre elas, as das Organizações Romulo Maiorana (ORM), que

possuem o jornal *O Liberal* e cadeias de rádio, TV e jornalismo *on line*; e a Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA), com o jornal *Diário do Pará*, diversos veículos de comunicação tradicional como rádio e TV, além do *on line*. Dessa forma, essas duas organizações atuam na linha da propriedade cruzada, que de acordo com Castro, é quando uma empresa possui “veículos de comunicação em diferentes setores da radiodifusão, da imprensa escrita” (CASTRO, 2012, p.41), e mais recentemente da internet. Pode-se também observar o monopólio familiar. As ORM são da família Rômulo Maiorana e a RBA de Jader Barbalhos. A propriedade cruzada e o monopólio familiar são características que permanecem historicamente imutáveis (AZEVEDO, 2006) no sistema midiático brasileiro.

As empresas ORM e a RBA buscam manter suas hegemonias na região em embates que interligam o campo da econômica e da política. Tomando como exemplo apenas os jornais impressos dessas organizações, observa-se que *O Liberal* (1945) e o *Diário do Pará* (1982) constituem, há anos, redes de poder na região. Ambos distribuem notícias cotidianamente em suas versões impressas, e nos últimos tempos *on line*. Esses veículos travam, desde as suas origens, uma intensa disputa de público e de mercado.

Segundo o sociólogo e jornalista Lúcio Flávio Pinto, em sua matéria “*A mesma origem dos maiores rivais*” (Pinto, ed.448, 2007)⁶, esses dois impressos foram criados para ser jornais de partido. No início *O Liberal* serviu de suporte político para o coronel Joaquim de Magalhães Cardoso Barata⁷, “na década de 40 do século passado, se defender dos ataques violentos desferidos contra ele pelo mais influente jornal naquele período, a *Folha do Norte* [reduto anti-baratismo], e contra-atacar o jornalista Paulo Maranhão, dono da publicação e autor de textos terríveis”. Em 1966 *O Liberal* foi adquirido por Romulo Maiorana, “que cresceu à sombra do ‘baratismo’” (PINTO, ed. 448, 2007), e transformou o jornal de partido em empresa jornalística. Já o *Diário do Pará* foi criado em 1982 pelo então candidato a governador do Pará, Jader Barbalho, como meio de campanha eleitoral. Após eleito, Barbalho o transformou também em empresa de Jornalismo.

⁶ Conferir no endereço do Observatório da Imprensa: <http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/a-mesma-origem-dos-jornais-rivais/> Acesso, dia 30 de outubro de 2014.

⁷ Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, mais conhecido apenas como Magalhães Barata, foi interventor federal do Pará de novembro de 1930 a abril de 1935. Foi eleito senador em 1945, disputou e perdeu as eleições para governador em 1950, mas foi eleito como governador cinco anos depois, tomando posse apenas em 1956. Consultar mais em: <http://www.oparanasondasdorado.ufpa.br/con50magalhaes.htm>. Acesso dia 2 de Julho de 2015.

Por muito anos essas organizações comandaram o campo midiático na Amazônia. De tempos em tempos, as mídias alternativas impuseram uma outra comunicação, elas sempre se mantiveram na trincheira, influenciando debates públicos de temas de interesse da sociedade; promovendo pressões em governantes para a garantia de direitos constitucionais como saúde, educação, segurança, comunicação, moradia, com a finalidade de diminuir as desigualdades enfrentadas pelo povo na região.

A partir do desenvolvimento da comunicação em multiplataformas digitais observa-se uma ampliação dessas mídias, muitos atores sociais vêm utilizando o novo meio de comunicação como forma de alcançar um maior público e formar redes de colaboração para as suas causas. Eles participam da vida pública local/global, com ações e mobilizações cidadãs na Amazônia. Destacam-se neste artigo jornalistas que possuem blogs pessoais, outros sujeitos que atuam com perfis no *Twitter* e no *Facebook*; e coletivos de jovens que fazem documentários e divulgam no *YouTube*. São experiências alternativas riquíssimas, principalmente em uma região de grandes dimensões geográficas e que não está ainda totalmente coberta pelos serviços digitais.

Um contrapoder coletivo: *blogs, Twitter, WhatsApp, Doc no YouTube*

É sabido que a hegemonia não é a totalidade de um sistema. Há também a contra hegemonia, que consiste em ampliar de forma pública “os enfoques ideológicos que contribuam para a reorganização de repertórios, princípios e variáveis de identificação e coesão, com vistas à alteração gradual e permanente das relações sociais e de poder. (MORAES, 2010, p. 73). Na Amazônia, a contra hegemonia é construída e mantida por vários atores sociais, grupos populares e estudantis, membros de sindicatos, ONGs, centros comunitários, intelectuais e indígenas que criam movimentos de resistência e se posicionam veementemente contra o modelo de colonização imposto há séculos à região. Um modelo que insiste em atribuir ao povo da região a natureza primitiva, tribal, atrasada. (Loureiro, 2002, p. 118) em total desrespeito à cultura e ao homem da região.

Entretanto, no jogo de poder, as instituições hegemônicas que comandam as estruturas midiáticas, religiosas, bélicas, educacionais, etc. na sociedade, não estão sozinhas. Elas enfrentam também um contrapoder.

[...] uma vez que as sociedades são contraditórias e conflitivas, onde há poder há também contrapoder – que considero a capacidade de os atores sociais desafiarem o poder embutido nas instituições da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses. (CASTELLS, 2013, p. 10).

As mídias alternativas podem ser consideradas um contrapoder na região amazônica. Muitas delas foram criadas ainda no período da Ditadura Militar (1964-1985). Após o término do governo e o início da redemocratização do país, mantiveram-se na luta para ampliar os canais de comunicação na região. Um grande número desses veículos desapareceu, outros continuaram ativos e podem ser encontrados na internet como o *Jornal Resistência*⁸, que a cada ano tem deixado de ser publicado em formato impresso. Hoje, as redes sociais utilizadas pela equipe do alternativo são *blog*⁹, *fanpage*¹⁰ e *Twitter*¹¹. Os textos são encontrados apenas nestas redes sociais, onde também são compartilhadas notícias de outras fontes, como *Intervozes*¹² e *Portal Fórum*¹³. O *Jornal Pessoal*, do sociólogo e jornalista Lúcio Flávio Pinto, uma das mídias alternativas mais antigas e influentes da Amazônia e do Brasil (AMORIM, 2008), ingressou em 2008 na internet e está disponível a todos os leitores no endereço eletrônico (<http://www.lucioflaviopinto.com.br>). O *website* da University of Florida Digital Collections (UFDC)¹⁴ disponibiliza uma boa parte da coleção do jornal.

O número de sujeitos que se articula, na região, por meio da comunicação em rede, tem crescido, são cidadãos que produzem e compartilham informações de forma crítica e coletiva, estabelecendo vínculos participativos em torno de causas comuns, dentro e fora da internet. Mas ainda falta muito para a tão sonhada inclusão digital. Não basta apenas ter “acesso aos computadores e à internet, mas também capacitar pessoas que estão à margem da sociedade generalizadamente conectada”. (BRETAS, 2006, p.209).

Uma das redes sociais que deu início e que facilitou o acesso às mídias alternativas foi o *blog*¹⁵. Os *blogs* se inserem na chamada comunicação digital, “que é multimodal e permite a referência constante a um hipertexto global de informações cujos componentes podem ser remixados pelo ator que comunica segundo projetos de comunicação específicos” (CASTELLS, 2013, p. 12). Redes sociais digitais como o *Facebook*, *Twitter*,

⁸ O jornal foi criado em 1977 pela Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos – SDDH “com a finalidade de lutar contra as violações aos direitos humanos ocorridas na Amazônia e a favor da anistia dos presos políticos do país” (AMORIM, p. 8, 2013). Atualmente, não há mais a publicação do jornal na versão impressa como ocorria no período da ditadura militar. A última versão encontrada em formato impresso refere-se ao mês de agosto de 2013, e pode ser encontrada no *blog* do *Resistência*. Em contato realizado em outubro do mesmo ano, foi informado para a equipe do projeto Mídias Alternativas na Amazônia que outra edição seria publicada em novembro, no entanto, isso não ocorreu.

⁹ Disponível em: <<http://jornalresistenciaonline.blogspot.com.br>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2015.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/resistenciaonline?fref=ts>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2015.

¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/ResistenciaSDDH>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2015.

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/intervozes?fref=photo>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2015.

¹³ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2015.

¹⁴ Disponível em: <http://ufdc.ufl.edu/AA00005008/00001/3j>. Acesso dia 3 de janeiro de 2014.

¹⁵ uma página na *web* que permite a publicação de textos, imagens, vídeos, áudios, entre outros tipos de mídias, com assuntos diversos de acordo com o interesse de quem o cria e o mantém.

YouTube e *WhatsApp*¹⁶ também se enquadram neste formato. Destacam-se, neste artigo, algumas redes sociais atuantes na região.

O blog de Manuel Dutra

Desde 2010, o jornalista e professor Doutor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA), Manuel Dutra, administra um blog pessoal. Nascido em Santarém (PA) e atualmente morando em Belém (PA), Dutra faz reportagem e publica matérias e fotos de seu acervo pessoal de anos de profissão. Os textos têm natureza crítica, uma das marcas de Dutra.

Na descrição do blog encontra-se a frase “Jornalismo Ciência Ambiente”. Manuel Dutra apresenta um olhar diferenciado e com maior profundidade para fatos que, por vezes, estão em muitos portais da web de forma superficial. O professor também publica textos de outros atores sociais. O blog, com uma publicação quase diária, contribui para uma somatória de mais de 2 mil postagens sobre a Amazônia, possui ainda uma lista com links para sites e blogs de notícias.

Registra-se um texto de Dutra intitulado “Rádio na Amazônia e a marginalização social”¹⁷ publicado no dia 5 de julho de 2015. Nele, Dutra ao abordar o papel desse veículo de comunicação como impulsionador da urbanização no Brasil, destaca o choque cultural quando o rádio chegou às cidades amazônicas.

Com as primeiras emissoras tendo surgido na Amazônia entre as décadas de 1920 e 1940 - primeiro em Belém (1928), depois Manaus (1936), Macapá (1946) e Santarém (1948), a nova tecnologia de então passou a levar para dentro dos lares distantes e isolados as aspirações da vida típica das cidades. Como meio nascido na cidade e no capitalismo, o Rádio falava a linguagem da cidade e, na linguagem, emitia os valores do mercado, do consumo e do entretenimento, valores então inexistentes na vastidão regional. (DUTRA, 2015).

Desta forma, o rádio também promovia a evasão rural. De acordo com o professor, o veículo “foi para dentro dos lares como que a convidar, de modo veemente: “venham para a cidade, venham para o progresso, deixem o atraso e as carências do interior”. (DUTRA, 2015). Um dos resultados, segundo o jornalista, foi a explosão das periferias urbanas das cidades da região, fenômeno que acontece no mundo inteiro.

¹⁶ Aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Além das mensagens básicas, os usuários do WhatsApp podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio. Para isso, basta o usuário baixar o aplicativo, realizar o cadastro e ter acesso a internet. Ver mais em: <http://www.whatsapp.com/?l=pt_br>. Acesso em: 26 de janeiro de 2015.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.blogmanueldutra.blogspot.com.br/2015/07/radio-na-amazonia-e-marginalizacao.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2015.

O jornalista, nesta matéria, lembra ainda sua experiência pessoal como trabalhador do Movimento de Educação de Base (MEB) nos anos 60 do século passado, este movimento, de matriz libertadora à luz de Paulo Freire, não foi implementado na essência como preconizava a filosofia proposta. Ao contrário, foi mutilado pelos ditadores de 1964.

Nessa fase eu percebia coisas como a utilização de cartilhas metodologicamente concebidas no Rio de Janeiro e impressas numa gráfica de Botafogo. Nelas havia exemplos, nas lições, falando do trem, do avião, do telefone, objetos estranhos às zonas ribeirinhas da Amazônia e do seu meio rural. (DUTRA, 2015).

Em outra publicação¹⁸, do dia 25 de maio de 2015, com o título “Cheias na Amazônia: os rios apenas buscam o seu lugar tomado pelas cidades” Manuel Dutra faz uma crítica aguda ao *modus operandi* da imprensa local e nacional ao trabalhar com a linguagem do extraordinário sobre as cheias dos rios da Amazônia.

A imprensa, desinformada, passa a repercutir o fenômeno cíclico, esperado todos os anos, como se fosse algo extraordinário. Tanto a mídia local quanto a nacional passam a ver as famílias residentes nessas áreas alagadas como vítimas de um desastre natural, inesperado, impregnando o relato jornalístico com os mesmos chavões e lugares-comuns das narrativas sobre furacões, terremotos e ventanias devastadoras e inesperadas. (DUTRA, 2015).

Esta lógica discursiva é apresentada no texto, que inclui fotos de cidades do Pará e do Amazonas em período de cheia.

Figura 1 - Blog Manuel Dutra – Jornalismo Ciência Ambiente.



Fonte: www.blogmanueldutra.blogspot.com.br. Acesso em: 22 de julho de 2015.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.blogmanueldutra.blogspot.com.br/2015/05/cheias-na-amazonia-os-rios- apenas.html>>. Acesso em: 21 de julho de 2015.

O blog do Altino Machado

O jornalista acreano Altino Machado também assina um blog¹⁹ desde 2004. Ex-repórter dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*, Machado também escreve para o *Blog da Amazônia*, da Terra Magazine, sessão integrante do portal de notícias Terra. Na página inicial, é possível ver indicações de *links* para outros blogs, e em destaque, comentários de leitores – dentre jornalistas, professores universitários e escritores de renome nacional – a respeito de questões sociais e políticas do cenário acreano, que não são repercutidas pela chamada imprensa oficial/hegemônica.

“Também li no blog de Altino Machado, o de maior prestígio no Acre, a entrevista em que a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri afirma: “O extrativismo florestal está falido””. (Zuenir Ventura)

"Não fosse o seu blog, no Acre só restariam silêncios e manchetes de um mundo que não é o nosso". (Anônimo)

"É triste a constatação, mas a imprensa brasileira ainda olha a região Amazônica com distância e pouco interesse. No mais, apenas a produção jornalística regional – como os trabalhos de Lúcio Flávio Pinto, no Pará, e de Altino Machado, no Acre – se preocupa em dar conta de narrar os fatos encobertos pela distância dos grandes centros econômicos do país". (Luciano Martins Costa, Observatório da Imprensa)²⁰

O blog possui cerca de sete mil *posts*²¹ que tratam sobre a realidade amazônica, especificamente da região do Acre. Denúncias, entrevistas, reportagens sobre a cultura, culinária, entre outras estão presentes. Também são reproduzidos textos de outros autores, como o professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-Rio) e escritor do blog *Taqui pra Ti*, José Ribamar Bessa Freire; o professor e político do Acre, Moisés Diz; e o professor e economista também do Acre, Wesley de Brito. Atualmente, são contabilizados 927 seguidores e aproximadamente quatro milhões de visitas (informações que constam na página inicial do blog).

O autor do blog também faz postagens com suas fotografias. São imagens do cotidiano acreano, como na publicação “Ruas de Rio Branco cheias de buracos” (10 de fevereiro de 2015), que contém a foto de uma rua esburacada da capital do estado. A legenda denuncia: “Faz tempo que não se via as ruas de Rio Branco tão sujas e esburacadas. Esse buraco, na rua Dom Bosco, no Bosque, está assim desde novembro de 2014” (MACHADO, novembro de 2014).

¹⁹ Disponível em: < <http://www.altinomachado.com.br/>>. Acesso em: 21 de julho de 2015.

²⁰ Comentários presentes na coluna direita da página inicial do Blog do Alcino. Disponível em: < <http://www.altinomachado.com.br/>>. Acesso em: 03 de junho de 2015.

²¹ Segundo o dicionário da língua portuguesa Diciona, é um “texto publicado ou enviado para ser publicado em uma página da internet”, ou “comentário ou mensagem enviada para um *website*”. Disponível em: <www.diciona.com.br/post.html>. Acesso em: 03 de junho de 2015.

Figura 2 – Blog do Altino Machado.



Fonte: www.altinomachado.com.br>. Acesso em: janeiro de 2015.

O twitter Belém Trânsito e o site Amazônia Real

Além de blogs, o *Twitter* também é muito utilizado por muitas pessoas. Registra-se neste trabalho um perfil paraense muito popular em Belém do Pará, que é o *Belém Trânsito* (@belemtransito²²). Criado em abril de 2009, compartilha informações sobre o trânsito da região metropolitana de Belém. Através de *tweets*, pessoas que percorrem as ruas da cidade informam sobre problemas como engarrafamentos, acidentes, semáforos com defeitos e imprudências. O perfil @belemtransito compartilha os *tweets* através de *retweets*, função que faz com que todos os seguidores do perfil possam ver o que foi postado. Atualmente, o perfil conta com mais de 86 mil seguidores²³, e não compartilha informações sobre *blitz* de trânsito que são realizadas.

Figura 3 – Twitter Belém Trânsito



Fonte: www.twitter.com/belemtransito>. Acesso em: 22 de julho de 2015.

²² Disponível em: <<https://twitter.com/belemtransito>>. Acesso em: 22 de julho de 2015.

²³ Até o dia 22 de julho de 2015, o perfil contava com 86.640 seguidores.

No *Facebook*, um dos destaques é a *fanpage Amazônia Real*²⁴. É uma página ligada ao site²⁵ de mesmo nome, criado em 21 de outubro de 2013. Ambas são mantidas pela organização *Amazônia Real*, “uma organização sem fins lucrativos, inscrita nos órgãos competentes e sediada em Manaus, no Amazonas” (Amazônia Real, 2013). A missão “é fazer jornalismo ético e investigativo, pautado nas questões da Amazônia e de seu povo e linha editorial em defesa da democratização da informação, da liberdade de expressão e dos direitos humanos” (Amazônia Real, 2013).

Figura 4 – site Amazônia Real



Fonte: <http://amazoniareal.com.br/>. Acesso em: julho de 2015.

O site é mantido por uma equipe de 13 integrantes, entre jornalistas, arqueólogos e geógrafos; é atualizado uma vez por semana, e possui matérias publicadas de acordo com as seguintes categorias: meio ambiente, questões agrárias, cultura, economia, política e negócios da região amazônica.

Como exemplo, destaca-se a publicação intitulada “*Corumbiara – Jornalista relata em livro um dos maiores conflitos de terra na Amazônia*”²⁶, que aborda o trabalho realizado pelo jornalista João Peres e do fotógrafo Gerardo Lazzari, sobre o “Massacre de Corumbiara”, conflito agrário devido à reintegração de posse que envolveu policiais militares e famílias sem-terra que estavam acampados na Fazenda Santa Elina, no município de Corumbiara, em Rondônia, em 1995. Foram 16 pessoas mortas no conflito e sete desaparecidos.

Blogs e as demais redes sociais virtuais surgidas através da internet possibilitam, aos atores sociais, uma nova forma de fazer, emitir e circular opiniões sobre os diversos assuntos de interesse da sociedade. Nas palavras de Castells, “atores da mudança social são

²⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/amazoniareal/timeline>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

²⁵ Disponível em: <<http://amazoniareal.com.br/>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

²⁶ Disponível em: <<http://amazoniareal.com.br/corumbiara-jornalista-relata-em-livro-um-dos-maiores-conflitos-de-terra-na-amazonia/>>. Acesso em: 22 de julho de 2015.

capazes de exercer influência decisiva utilizando mecanismos de construção do poder que correspondem às formas e aos processos de poder na sociedade em rede” (CASTELLS, 2013, p. 14). E complementa: “os governos têm medo da internet, [...] as grandes empresas têm com ela uma relação de amor e ódio, e tentam obter lucros com ela, ao mesmo tempo que limitam seu potencial de liberdade (por exemplo, controlando o compartilhamento de arquivos ou as redes com fonte aberta)”. (CASTELLS, p. 12, 2013).

Tela Firme: Poderia ter sido você (1994-2014)

Já o Coletivo *Tela Firme* atua com produção audiovisual no bairro da Terra Firme, localizado na periferia de Belém do Pará. (TELA FIRME. TÔ NA REDE, 2015²⁷). Um dos produtos do *Tela Firme*, destacado neste artigo, é um documentário intitulado “*Poderia ter sido você*” (1994-2014). Nele os jovens fazem um panorama, de forma crítica, sobre várias chacinas que ocorreram na cidade. E dizem que o problema pode atingir a todos se não for tratado por meio de políticas públicas sérias. A mais recente chacina ocorreu no dia 4 de novembro de 2014.

Nesse dia, madrugada do dia 4 para o dia 5 de novembro de 2014, um cabo da polícia militar, Antônio Marcos da Silva Figueiredo, de 43 anos, foi assassinado. Logo após a notícia da morte, começaram a surgir através de *Facebook* e *Twitter* informações de que policiais foram em busca dos criminosos na periferia da cidade e estavam matando pessoas pelas ruas como forma de vingança. Os comentários foram diversos, como o número de mortes, que passava de 30. Fotos de corpos foram compartilhadas através do aplicativo de conversa *WhatsApp*.

A chacina foi o principal tema a ser discutido em redes sociais e *chats* de conversa ao longo do mês de novembro. O número oficial: 11 pessoas assassinadas, supostamente por policiais. Dois meses depois, nenhum responsável pela tragédia foi encontrado, e segundo a polícia, a investigação ocorre em segredo de Justiça. O Estado ainda não apresentou nenhuma resposta efetiva à população.

Familiares de uma das vítimas espalharam pedidos de justiça pelos *outdoors* da cidade e moradores do bairro da Terra Firme em parceria com o coletivo *Tela Firme*²⁸ produziram o documentário “*Poderia ter sido você*” (1994-2014) e transmitiram via *web*

²⁷ Para maiores informações, consultar **Tô na Rede**. <http://tonarede.org.br/pt/tela-firme-2/> Acesso 1º de Julho de 2015.

²⁸ O projeto foi criado por oito alunos do Instituto Universidade Popular (Unipop).

no *YouTube*²⁹. A produção audiovisual³⁰ traz encenações, matérias de jornais locais e imagens que relembram as chacinas que ocorreram no município de Ananindeua, nos bairros do Tapanã e Sideral (1994); no município de Santa Izabel em 2011; no distrito de Icoaraci em 2011; e a mais recente em 2014, na capital, nos bairros da Terra Firme, Guamá, Jurunas, e Marco, todos localizados na periferia da cidade. O documentário foi produzido por Maílson Souza (Direção), Francisco Batista (Roteiro), Ingrid Louzeiro, Izabela Chaves, Marcelino Silva, Neto Costa, Magno Perdigão, Mônica Mendes, Elias Costa, Francisco Batista, Adriano Mendes, Denis Kastru, Walison Monteiro, Junior Kapela (Elenco), com apoio da SDDH, CEDECA, EMAUS, Ouvidoria da SEGUP, Comissão de Justiça e Paz da Terra Firme. O documentário também tem uma versão legendada em inglês.

Figura 5 - Documentário “Poderia ter sido você” (1994-2014).



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=nTymevrDkF8>>. Acesso em: janeiro de 2015.

Em meio a era digital, assim como em outros períodos em que a comunicação via web não existia, o contrapoder sempre buscou seu espaço ao utilizar os meios para exercer suas ações de resistência e não se deixar subjugar diante da opressão hegemônica. O direito à cidadania na região vem sendo cobrado pelos sujeitos sociais que estão em conexões e interações planetárias. Cada vez mais cresce a necessidade de que os grandes temas da Amazônia - como as chacinas urbanas, os conflitos de terra, que também promovem matança no interior da floresta, *o modus operandi* da grande imprensa e seu olhar exótico

²⁹ Conta oficial do programa no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCqWGBbmj6LcE-Zlp_2pcFEA>. Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

³⁰ Até 22 de julho de 2015, o documentário possuía 1.105 visualizações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nTymevrDkF8>>. Acesso em: 22 de julho de 2015.

para com a região, dentre outros - sejam também divulgados, debatidos e denunciados por atores sociais que pensam a comunicação para além de ferramentas tecnológicas, pensam a comunicação no campo político e histórico da região.

Considerações finais

No ambiente multimidiático em rede as grandes corporações midiáticas não estão sozinhas. As mídias alternativas estão também se inserindo nesse espaço, promovendo ações e mobilizações de contrapoder dentro e fora da internet. Na Amazônia, dada as grandes distâncias geográficas da região, é cada vez mais frequente a inserção na Rede das redes (Castells, 1999), a internet, de atores sociais que lutam para subverter as formas de opressão que insistem em querer eternizar o modelo de colonização na região. Um modelo hegemônico que só faz explorar irracionalmente o homem e as riquezas naturais da Amazônia.

Certamente que a região não está totalmente incluída nesse ambiente de multiplataformas digitais, pois a inclusão digital não significa apenas computadores interligados na internet, requer “usuários com competência para leitura e produção de textos em bases digitais” (BRETAS, 2006, p.215). Entretanto tem ampliado o número de pessoas que estão se comunicando em rede para compartilhar críticas e opiniões, fomentar discussões sobre o que está acontecendo na Amazônia, alimentando o debate público para inscrever uma outra história na região, sejam profissionais da comunicação por formação acadêmica ou da prática cotidiana, todos são importantes sujeitos que vêm ampliando a comunicação não só na região como também no mundo.

Referências

Amazônia Real: <http://amazoniareal.com.br/>. Acessado em 22 de julho de 2015.

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. **Rede Somos Todos Lúcio Flávio Pinto:** Rebelia e ativismo político amazônico na web. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto: MG, 2013.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político.** In Opinião Pública. Campinas, Vol 12. , nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 88-113.

BRETAS, Beatriz. **Comunicação comunitária e inclusão digital.** In Mídias comunitárias, juventude e cidadania. LIMA, Rafael Pereira (Org). Belo Horizonte: Autêntica/ Associação Imagem Comunitária, 2006.

Blog Jornal Resistência Online: <http://jornalresistenciaonline.blogspot.com.br/>; Acessado em 13 de janeiro de 2015.

Blog Manuel Dutra: <http://blogmanuel Dutra.blogspot.com.br/>; Acessado em 13 de janeiro de 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: Economia, sociedade e Cultura. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet; tradução Carlos Alberto Medeiros. – 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Comunicação, poder e democracia**. Labor Edições, 2012.

Fanpage Intervezes: <https://www.facebook.com/intervezes?fref=photo>. Acessado em 26 de janeiro de 2015.

Fanpage Resistência Online: <https://www.facebook.com/resistenciaonline?fref=ts>; Acessado em 13 de janeiro de 2015.

FILHO, Laurindo Leal. **Quarenta anos depois a TV brasileira ainda guarda as marcas da Ditadura**. In: Revista USP, nº 61. São Paulo, 2004.

G1 Pará. Simão Jatene, PSDB, é reeleito governador do Estado do Pará. <http://g1.globo.com/pa/para/eleicoes/2014/noticia/2014/10/simao-jatene-psdb-e-reeleito-governador-do-estado-do-para.html>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: uma história de perdas e danos. Um futuro a (re)construir**. In Estudos Avançados, 16 (45), 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a08.pdf>

MORAES, Dênis. **Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci**. In: Revista Debates. V. 4. N. 1. p. 54-77. Porto Alegre, 2010.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Aproximações entre Comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal-RN, 2008.

PINTO, Lúcio Flávio. **A mesma origem dos jornais rivais**. Ed. 448. Belém, 2007. In: Observatório da Imprensa: <http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/a-mesma-origem-dos-jornais-rivais/> Acesso, dia 30 de outubro de 2014.

Revista Fórum: <http://www.revistaforum.com.br/>. Acessado em 26 de janeiro de 2015.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TELA FIRME. **TÔ NA REDE**. <http://tonarede.org.br/pt/tela-firme-2>. Acesso em 1º de Julho de 2015.

Twitter Belém Trânsito: <https://twitter.com/belemtransito>. Acessado em 22 de julho de 2015.

Twitter Resistência SDDH: <https://twitter.com/ResistenciaSDDH>; Acessado em 13 de janeiro de 2015.

Whatsapp Messenger: http://www.whatsapp.com/?l=pt_br. Acessado em 20 de janeiro de 2015.